



Prefeitura  
de Itatiba

Secretaria da Educação



Coletânea de Atividades

# CONTO DE ARTIMANHA

4º Ano

Caderno do Aluno





## **Administração**

Thomás Antonio Capeletto de Oliveira  
Mauro Delforno

## **Secretária da Educação**

Sueli de Moraes Tuon

## **Supervisora de Ensino responsável**

Camila Polo da Nobrega

## **Professoras organizadoras:**

Débora Claro  
Eliana Maria Fattori Calza  
Luciana Gotardo Canal  
Milena Gava  
Patrícia Costa  
Rafaela M. Dominici  
Rafaela Scaransi  
Renata Correa Rocha  
Thaís Rodrigues Correia  
Vanessa Honório

## **Supervisoras de Ensino fundamental**

Adriana Gomes de Oliveira  
Maria Elisabeth Tafarello Alves Siqueira  
Marilsa Camilo da Silva  
Rita Aparecida Netto Piffer  
Vera Lúcia Maximo da Silva

**ITATIBA  
2022**



**4º ano**

**Coletânea de atividades**  
**Conto de Artimanha**

Organização: Profª Eliana Maria Fattori Calza e Profª Milena Gava.

Nome do aluno: \_\_\_\_\_

Nome do professor (a): \_\_\_\_\_

4º ano \_\_\_\_\_

### Coletânea de atividades – Produção de finais de contos de artimanha



Você já ouviu falar em conto de artimanha?

- a) O que é um conto?
- b) O que pode significar artimanha?
- c) Qual a sua finalidade?
- d) Como se organiza?
- d) Quais são as personagens que costumam aparecer?

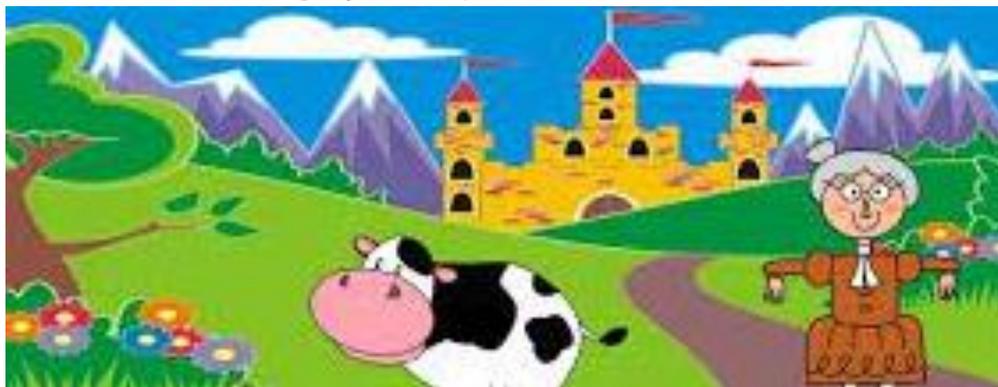
Nesta sequência didática aprenderemos como é o gênero Conto de Artimanha, quais as suas características e tipo de linguagem. Escreveremos vários finais de conto neste final do segundo bimestre e durante o terceiro bimestre.

## Atividade 1

**Leia o texto:**

### A velhinha inteligente

Esta é uma história que se conta até hoje na cidade de Carcassonne, ao sul da França. Há várias versões do mesmo caso, mas todas concordam num ponto: a cidade foi salva graças à esperteza de uma mulher.



Há muitos e muitos séculos, a próspera cidade de Carcassonne foi cercada por guerreiros inimigos. Embora protegida por muralhas e portões, a população não estava a salvo: como ninguém podia sair, aos poucos a comida foi escasseando. Logo chegou o dia em que ninguém mais tinha o que comer, e os inimigos, do lado de fora, resistiam teimosamente, esperando a rendição da cidade.

Então, o governador de Carcassonne, refletindo sobre a gravidade da situação, resolveu que era preferível entregar-se a ver seu povo morrer de fome. Entretanto, assim que ele anunciou a todos a sua resolução, uma senhora, madame Carcas, já bem idosa e por isso mesmo muito experiente, adiantou-se e disse que tinha um plano para salvar a cidade.

Todos riram dela, porém como já se consideravam perdidos, acharam que não faria mal escutá-la.

– Primeiro, tragam-me uma vaca – pediu ela.

– Uma vaca?!? – exclamaram. – E como vamos achar uma vaca?

Mas madame Carcas insistiu e todos se puseram a procurar de casa em casa.

Vira daqui, revira de lá, encontraram, por fim, uma vaca muito magra, na casa de um avaro, que a havia escondido por medo de morrer de fome. Ele bem que reclamou, mas o animal foi levado até a velha senhora.

– Agora – disse ela – juntem tudo o que puderem de alimentos, restos, cascas, o que encontrarem!

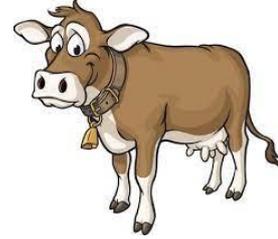
Assim fizeram todos, conseguindo juntar um saco cheio de restos de cereais.

- Muito bem – aprovou a madame. – Deem tudo isso à vaca!
- À vaca?!? Isso é um absurdo! Todos nós temos fome!
- Pois deem tudo à vaca e não vão se arrepender – garantiu a velhinha.

Não sem relutar, fizeram o que ela dizia. A vaca, rapidamente, engoliu aquilo que para todos parecia um banquete desperdiçado.

– Agora abram com cuidado os portões e deixem a vaca sair – ordenou a senhora.

– Essa velha é louca! – gritaram alguns. Mas como madame insistiu com tanta segurança, resolveram obedecer-lhe até o fim.



**Você notou que este texto não terminou?**

**Pois é! Observe que a Madame Carcas está planejando algo.**

**O que será que ela está pensando?**

**Refletindo sobre isso, escreva, na próxima folha, o final dessa história!**



### Atividade 2

## CONTOS DE ARTIMANHA

Quem nunca ouviu falar de Pedro Malasarte nem se divertiu com as histórias engraçadas, cheias de aventuras e artimanhas?

Desde os tempos mais remotos, encontram-se na cultura popular histórias de personagens cuja característica principal é a capacidade de superar situações difíceis com um mínimo de recursos e, fundamentalmente, usando muita astúcia. Os protagonistas desses contos podem ser a dona Raposa, Pedro Malasarte ou até mesmo uma velhinha muito inteligente. Não importa. Para vencer os mais poderosos, as armas de que lançam mão são a esperteza e a ousadia.

Esses personagens não são maus ou perversos nem agem para prejudicar o outro. É assim que sobrevivem, já que não são fortes nem poderosos ou ricos.

As artimanhas ou estratégias são divertidas e provocam riso nos leitores ou ouvintes, que se identificam com o protagonista e torcem para que ele seja o vencedor. Geralmente, a simpatia nunca fica do lado da vítima.

Nesta sequência, iremos conhecer ou lembrar algumas histórias de Malasarte e de outros personagens, incluindo alguns animais que elaboram planos infalíveis para triunfar sobre os fortes e poderosos antagonistas.

**1A** Você já ouviu ou leu um conto de artimanha, também chamado de conto de esperteza? Sobre o que imagina que um texto desse tipo trata? As palavras *artimanha* ou *esperteza* podem ajudar a saber?

A seguir você fará a leitura do conto Sopa de pedras, que tem Pedro Malasarte como protagonista. Você conhece Malasarte ou já ouviu falar dele? Às vezes o nome aparece como Malasartes. Já ouviu alguma história desse personagem?

### SOPA DE PEDRAS

Pedro Malasarte era um cara danado de esperto. Um dia ele estava ouvindo a conversa do pessoal na porta da venda. Os matutos falavam de uma velha avarenta que morava num sítio pros lados do rio. Cada um contava um caso pior que o outro:

— A velha é unha-de-fome. Não dá comida nem pros cachorros que guardam a casa dela — dizia um.

— Quando chega alguém pro almoço, ela conta os grãos de feijão pra pôr no prato. Verdade! Quem me contou foi o Chico Charreteiro, que não mente — afirmava outro.

— Eta velha pão-dura! — comentava um terceiro. — Dali não sai nada. Ela não dá nem bôndia.

O Pedro Malasarte ouvindo. Ouvindo e matutando.

Daí a pouco entrou na conversa:

— Querem apostar que pra mim ela vai dar uma porção de coisas, e de boa vontade?

— Tu tá é doido! — disseram todos. — Aquela velha avarenta não dá nem risada!

— Pois aposto que pra mim ela vai dar — insistiu o Pedro. — Quanto vocês apostam?

A turma apostou alto, na certeza de ganhar. Mas o Pedro Malasarte, muito matreiro, já tinha um plano na cabeça. Juntou umas roupas, umas panelas, um fogãozinho, amarrou a trouxa e se mandou pra casa da velha. Era meio longe, mas pra ganhar aposta o Malasarte não tinha preguiça.

O Pedro foi chegando, foi arranchando, ali bem perto da porteira do sítio da velha. Esperou um tempo pra ser notado. Quando viu que a velha já tinha reparado nele, armou o fogãozinho, botou a panela em cima, cheia de água, e acendeu o fogo. E ficou o dia inteiro cozinhando água.

A velha, lá da casa, só espiando. E a panela fumegando.

E o Pedro atiçando o fogo.

Não demorou muito a velha não aguentou a curiosidade e veio dar uma espiada. Passou perto, olhou, assuntou, e foi embora. O Pedro firme, atiçando o fogo.

No dia seguinte, panela no fogo, fervendo água, soltando fumaça. Pedro atiçando o fogo. A velha olhando de longe, lá de dentro da casa.

Até que ela não conseguiu mais se segurar de curiosidade. Saiu e veio negaceando, olhar de perto. O Pedro pensou: “É hoje!”.

Catou umas pedras no chão, lavou bem e jogou dentro da panela. E ficou atiçando o fogo pra ferver mais depressa.

A velha não se conteve:

— Oi, moço, tá cozinhando pedra?

— Ora, pois sim senhora, dona — respondeu o Pedro. — Vou fazer uma sopa.

— Sopa de pedra? — perguntou a velha com uma careta.

— Essa não, seu moço! Onde já se viu isso?

— Pois garanto que dá uma sopa pra lá de boa.

— Demora muito para cozinhar? — perguntou a velha ainda duvidando.

— Demora um bocado.

— E dá para comer?

— Claro, dona! Então eu ia perder tempo à toa?



A velha olhava as pedras, olhava pro Pedro. E ele atiçando o fogo, e a panela fervendo. A velha meio incrédula, meio acreditando.

— É gostosa, essa sopa? — perguntou ela depois de um tempo.

— É — respondeu o Malasarte. — Mas fica mais gostosa se a gente puser um temperinho.

— Por isso não — disse a velha. — Eu vou buscar.

Foi e trouxe cebola, cheiro-verde, sal com alho.

— Tomate a senhora não tem? — perguntou o Pedro.

A velha foi buscar e voltou com três, bem maduros.

Pedro botou tudo dentro da panela, junto com as pedras. E atiçou o fogo.

— Vai ficar bem gostosa — disse ele. — Mas se a gente tivesse um courinho de porco...

— Pois eu tenho lá em casa — disse a velha. E foi buscar.

Couro na panela, lenha no fogo, a velha sentada espiando. Daí a pouco ela perguntou:

— Não precisa pôr mais nada?

— Até que ficava mais suculenta se a gente pusesse umas batatas, um pouco de macarrão...

A velha já estava com vontade de tomar a sopa, e perguntou:

— Quando ficar pronta, posso provar um pouco?

— Claro, dona!

Aí ela foi e trouxe o macarrão e as batatas.

O Malasarte atiçou o fogo, pro macarrão cozinhar depressa.

Daí a pouco a velha já estava com água na boca!

— Hum, a sopa tá cheirando gostoso! Será que as pedras já amoleceram?

Em vez de responder, o Pedro perguntou:

— A senhora não tem uma linguicinha no fumeiro? Ia ficar tão bom...

Lá foi a velha de novo buscar a linguça.

Cozinha que cozinha a sopa ficou pronta. Malasarte então pediu dois pratos e talheres, a velha trouxe.

O Pedro encheu os pratos, deu um pra ela. Separou as pedras e jogou no mato.

— Ué, moço, não vai comer as pedras?

— Tá doido! — respondeu o Malasarte. — Eu lá tenho dente de ferro pra comer pedra?

E tratou de se mandar o mais depressa que pôde. Foi correndo pra venda, cobrar o dinheiro da aposta.

*Contos populares para crianças da América Latina.*

Tradução e adaptação de Neide T. Maia Gonzáles. São Paulo, Ática, 1984.

## VOCABULÁRIO

**Trouxa:** embrulho de pano para transportar objetos.

**Arranchar:** abrigar-se provisoriamente.

**Fumegar:** lançar fumaça.

**Atiçar:** promover, avivar.

**Negacear:** fingir.

**Incrédulo:** que(m) é difícil de ser convencido.

## Refletindo sobre o texto

1. O que você pensou sobre o texto, anteriormente, se confirmou ao longo da leitura? Explique.

----------------------

2. Como é Pedro Malasarte? Recupere no texto características que podemos atribuir a ele.

--

3. Por que Malasarte engana a velha? Em que contexto se dá a enganação?


## Uso do Dicionário

1- Reescreva as frases a seguir substituindo as palavras em destaque por outras com significados adequados ao contexto. Não se esqueça de fazer as adaptações necessárias.

a) Os matutos falavam de uma velha avarenta que morava num sítio pros lados do rio.


b) Mas o Pedro Malasarte, muito matreiro, já tinha um plano na cabeça.


c) — A senhora não tem uma linguinha no fumeiro?


2) Releia o trecho abaixo:

Pedro Malasarte era um cara danado de esperto. Um dia ele estava ouvindo a conversa do pessoal na porta da venda. Os matutos falavam de uma velha avarenta que morava num sítio pros lados do rio. Cada um contava um caso pior que o outro:

— A velha é unha-de-fome. Não dá comida nem pros cachorros que guardam a casa dela — dizia um.

a) No texto está escrito que a velha é avarenta. No próprio texto os personagens explicam o significado dessa palavra. Releia o trecho acima e copie o parágrafo que explica o significado dessa palavra.

b) A palavra matutos também está destacada. No trecho há outras palavras que se referem a matutos. Assinale a alternativa correta.

- ( ) “cara danado de esperto”.
- ( ) “pessoal na porta da venda”.
- ( ) “velha avarenta”.
- ( ) “cachorros que guardam a casa dela”.

## Atividade 3

### Leitura e compreensão do texto “Sopa de Pedras”

1- Qual foi a aposta que Pedro fez com os matutos?

---

2- Pedro conseguiu que a velha lhe desse vários ingredientes para a sua sopa.

a) Copie do texto todos os ingredientes que a velha deu para Malasarte colocar na sopa.

---

---

b) Como Pedro conseguiu que a velha, mesmo sendo avarenta, desse todos os ingredientes?

---

3- Ligue as personagens às suas falas:

matutos

— Hum, a sopa tá cheirando gostosa! Será que as pedras já amoleceram?

velha

“— Querem apostar que pra mim ela vai dar uma porção de coisas, e de boa vontade?”

Pedro Malasarte

“— Tu tá é doido! — disseram todos. — Aquela velha avarenta não dá nem risada!”

4- Releia o trecho em destaque:

“Mas o Pedro Malasarte, muito matreiro, já tinha um plano na cabeça.”

Qual era o plano de Pedro Malasarte?

---

---

---

5- Enumere as frases, do 1 a 6, de acordo com a ordem dos acontecimentos:

- ( ) Malasarte foi cobrar o dinheiro da aposta.
- ( ) A velha buscou alguns temperos para a sopa.
- ( ) Os matutos falavam sobre uma velha avarenta.
- ( ) Pedro ouviu a conversa na venda.
- ( ) Pedro abrigou-se próximo à porteira do sítio da velha.
- ( ) Pedro fez uma aposta com os matutos.

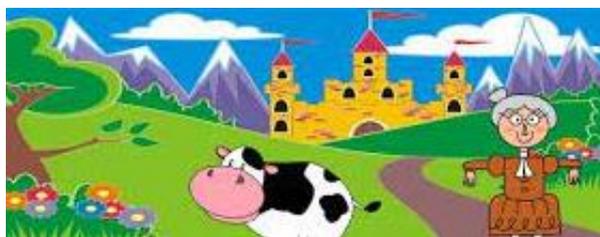
## Atividade 4

Na primeira atividade você escreveu um final para o conto “A velhinha inteligente”, porém, não ficou sabendo como terminava. Agora chegou a hora!

### A velhinha inteligente

Esta é uma história que se conta até hoje na cidade de Carcassonne, ao sul da França. Há várias versões do mesmo caso, mas todas concordam num ponto: a cidade foi salva graças à esperteza de uma mulher.

Há muitos e muitos séculos, a próspera cidade de Carcassonne foi cercada por guerreiros inimigos. Embora protegida por muralhas e portões, a população não estava a salvo: como ninguém podia sair, aos poucos a comida foi escasseando. Logo chegou o dia em que ninguém mais tinha o que comer, e os inimigos, do lado de fora, resistiam teimosamente, esperando a rendição da cidade.



Então, o governador de Carcassonne, refletindo sobre a gravidade da situação, resolveu que era preferível entregar-se a ver seu povo morrer de fome. Entretanto, assim que ele anunciou a todos a sua resolução, uma

senhora, madame Carcas, já bem idosa e por isso mesmo muito experiente, adiantou-se e disse que tinha um plano para salvar a cidade.

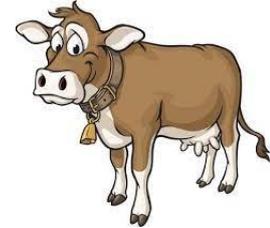
Todos riram dela, porém como já se consideravam perdidos, acharam que não faria mal escutá-la.

– Primeiro, tragam-me uma vaca – pediu ela.

– Uma vaca?!? – exclamaram. – E como vamos achar uma vaca?

Mas madame Carcas insistiu e todos se puseram a procurar de casa em casa.

Vira daqui, revira de lá, encontraram, por fim, uma vaca muito magra, na casa de um avaro, que a havia escondido por medo de morrer de fome. Ele bem que reclamou, mas o animal foi levado até a velha senhora.



– Agora – disse ela – juntem tudo o que puderem de alimentos: restos, cascas, o que encontrarem!

Assim fizeram todos, conseguindo juntar um saco cheio de restos de cereais.

– Muito bem – aprovou a madame. – Deem tudo isso à vaca!

– À vaca?!? Isso é um absurdo! Todos nós temos fome!

– Pois deem tudo à vaca e não vão se arrepender – garantiu a velhinha.

Não sem relutar, fizeram o que ela dizia. A vaca, rapidamente, engoliu aquilo que para todos parecia um banquete desperdiçado.

– Agora abram com cuidado os portões e deixem a vaca sair – ordenou a senhora.

– Essa velha é louca! – gritaram alguns. Mas como madame insistiu com tanta segurança, resolveram obedecer-lhe até o fim.

### Continuando a história...

Do lado de fora, a tropa inimiga percebeu que os portões da cidade se abriram.

Intrigados, viram que uma vaca escapava. Mais do que depressa, capturaram o animal e o levaram para seu chefe de armas.

– Veja, senhor, eles deixaram uma vaca escapar! Graças a esse descuido, hoje teremos um bom jantar!

O chefe, intrigado, ordenou que matassem a vaca. Mas, quando abriram a barriga do animal e ele a viu forrada de cereais, muito preocupado, concluiu:

– Soldados! Se os habitantes dessa cidade ainda têm tantas provisões que podem alimentar suas vacas e além disso se dar ao luxo de deixá-las escapar, é sinal de que poderão resistir ainda por muito tempo. É melhor nos retirarmos, pois certamente morreremos de fome antes deles.

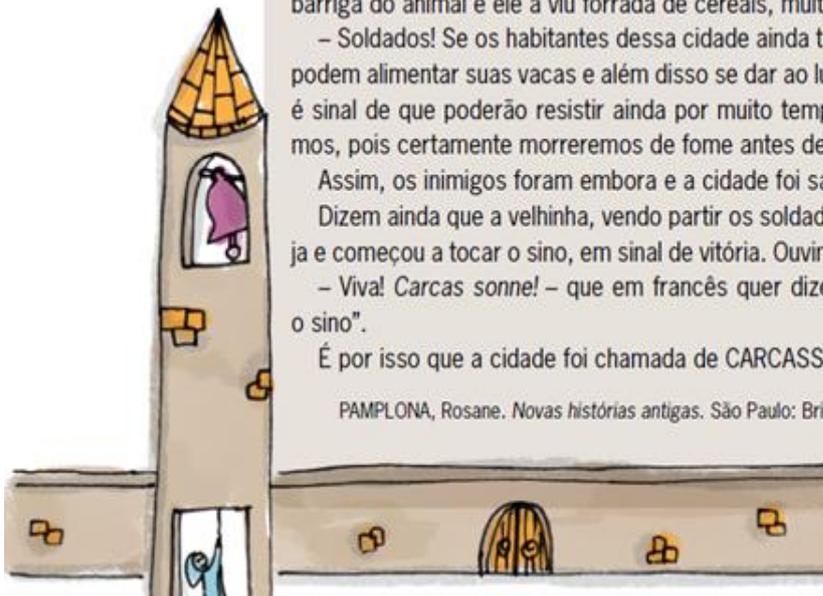
Assim, os inimigos foram embora e a cidade foi salva.

Dizem ainda que a velhinha, vendo partir os soldados, subiu à torre da igreja e começou a tocar o sino, em sinal de vitória. Ouvindo aquilo, o povo gritou:

– Viva! Carcas sonne! – que em francês quer dizer “Carcas está tocando o sino”.

É por isso que a cidade foi chamada de CARCASSONNE.

PAMPLONA, Rosane. *Novas histórias antigas*. São Paulo: Brinque-Book, 1998, pp. 23 a 26



## Estudando o texto

1. Por que os moradores da cidade acham um absurdo os pedidos da velhinha?  

---

---
2. Coloque **(F)** para falso e **(V)** para verdadeiro. O plano de Madame Carcas dá certo porque a velhinha
  - ( ) conhece muito bem as pessoas da cidade e sabia que o avarento tinha uma vaca escondida em casa.
  - ( ) percebe que o exército inimigo também estava com fome e a situação dos soldados não era das melhores.
  - ( ) não queria convencer os inimigos a desistir de invadir Carcassonne, fazendo com que pensassem que a cidade estava forte, com bastante alimento e que não ia se render.
3. Há vários trechos no conto que indicam que madame Carcas tinha certeza de que o plano daria certo. Localize as expressões e palavras no texto e grife-as.
4. Assinale as alternativas corretas. Madame Carcas se parece com Pedro Malasarte?
  - (A) Não, pois ela não procura enganar nenhuma pessoa.
  - (B) Sim, ela também é esperta e inteligente.
  - (C) Não, pois os moradores da cidade acreditavam nela.
  - (D) Sim, assim como os moradores da cidade não acreditavam que ela venceria os inimigos, o pessoal da venda também não acreditava em Malasarte.

## Estudando a pontuação do texto

### Aposto e vocativo

Você já ouviu falar nesses nomes?

Esses termos são utilizados quando vamos escrever nossos textos, para que eles fiquem bem organizados e com as pausas necessárias para uma boa compreensão do que você quer contar.

Veja o que cada um pode lhe ajudar na escrita:

## Aposto

Primeiramente, vejamos o que é aposto. Observe a frase a seguir:

Malasarte, **muito matreiro**, já tinha um plano na cabeça.

Veja que o trecho “muito matreiro” está explicando quem é o sujeito da oração “Malasarte”. Esse trecho é o aposto da oração.

Podemos concluir que o aposto é uma palavra ou expressão que **explica** ou que se relaciona com um termo anterior com a finalidade de **esclarecer**, explicar ou **detalhar** melhor esse termo.

Há alguns tipos de apostos:

- **Explicativo**: usado para explicar o termo anterior: Monteiro Lobato, autor do Sítio do pica-pau amarelo, é considerado um dos maiores autores de livros infantis brasileiro.
- **Especificador**: individualiza, coloca à parte um substantivo de sentido genérico: Eva Furnari nasceu em Roma, na Itália, em 1948.
- **Enumerador**: sequência de termos usados para desenvolver ou especificar um termo anterior: O aluno deve ir à escola munido de todo material escolar: borracha, lápis, caderno, cola, tesoura, apontador e régua.
- **Resumidor**: resume termos anteriores: Funcionários da limpeza, auxiliares, coordenadores, professores, todos devem comparecer à reunião.

## Vocativo

Observe as orações:

1. **Amigos**, vamos ao cinema hoje?
2. **Lindos**, nada de bagunça no refeitório!

Os termos “amigos” e “lindos” são vocativos, usados para se dirigir a quem escuta de formas ou intenções diferentes, como nos períodos anteriores: a utilização de um substantivo na primeira frase e de um adjetivo na segunda.

Podemos concluir que:

Vocativo: é a palavra, termo, expressão utilizada pelo falante para **se dirigir ao interlocutor** por meio do próprio nome, de um substantivo, adjetivo ou apelido.

5. Retire do texto e escreva abaixo, uma frase em que o vocativo esteja presente.

---

---

**6.** Releia o trecho do texto. Após, **grife o aposto**.

- Agora – disse ela – juntem tudo o que puderem de alimentos: restos, cascas, o que encontrarem!  
Assim fizeram todos, conseguindo juntar um saco cheio de restos de cereais.

**A quem o aposto se refere?**

---

## Atividade 5

### Revisão de texto coletiva.

Leia o final do texto “A velhinha inteligente”, escrito por um colega:

– Essa velha é louca – Mas mesmo assim resolveram obedecer a senhora velhinha. Eles foram dar a vida para a vaca e a deixaram correr a frente do portão. E disse um dos guardiões do grupo de invasores:

– Oba Mandaram comida para nós soldados – mas Não era comida normal então quando Eles comeram sentirão muitas cólicas estomacais então beberam água Mas como a água era salgada eles sentiram um estralo no seu corpo que acabaram desmaiando e toda a vila falou

– Eba Eba! – para a idosa.

- O texto está bem escrito ou precisa de ajustes? Reflita com a turma sobre os ajustes que são necessários: falta de conectivos, pontuação e finalização do conto.

Após esse momento, auxilie seu professor (a) a reescrever esse final com os ajustes necessários. Registre a nova versão no caderno, isto o auxiliará na percepção da pontuação e estrutura do texto.

## Atividade 6

### Leitura e produção de final do conto “A cumbuca de ouro”.

Refleta com o seu professor (a):

- 1- Quais as características do personagem pobre? E do rico?
- 2- O que o pobre fez ao descobrir a cumbuca?
- 3- Qual foi a reação do rico ao ouvir a história do pobre?
- 4- Como poderia terminar essa história?

Grife no texto os trechos que possam justificar as respostas que acabaram de discutir.

### A Cumbuca de ouro

Eram dois vizinhos, um rico e outro pobre, que viviam discutindo. O rico gostava de pregar peças no pobre.

Um dia, o pobre foi à casa do rico propor um negócio. Queria que ele lhe arrendasse um pedaço de terra que servisse para a plantação de uma roça de milho. O rico imediatamente pensou num pedaço de terra que não valia coisa nenhuma, por onde nem formigas passavam. O negócio foi fechado.

O pobre voltou para sua casinha e foi com sua mulher ver a tal terra. Lá chegados, descobriram uma cumbuca (espécie de vaso).

— Nossa! Esta cumbuca está cheia de moedas, venha ver!

— É de ouro! — disse a mulher. — Estamos feitos!

— Não — disse o marido, que era homem de muita honestidade — A cumbuca não está na minha terra e, portanto, não me pertence. Meu dever é contar ao dono da propriedade.

Então o homem foi até a casa do rico.

— Bem — disse o dono da propriedade — nesse caso desmancho o negócio feito. Não posso arrendar terras que dão cumbucas de ouro.

O pobre voltou para sua casinha, e o rico foi correndo tomar posse da grande riqueza. Mas, quando chegou lá, só viu uma coisa: uma cumbuca cheia de vespas terríveis.

— Ah! — exclamou. — Aquele malandro quis trapacear comigo, mas vou pregar-lhe uma boa peça.

Botou a cumbuca de vespas num saco e encaminhou-se para a casinha do pobre.





## Atividade 7

Será possível uma árvore dar dinheiro? Leia o texto abaixo.

### A ÁRVORE QUE DAVA DINHEIRO

Vendo-se apertado com a falta de dinheiro e não querendo ter arenga com o dono da pensão, Malasarte saiu naquela manhã bem cedo, para ganhar a vida. Arranjou com o vendedor de mel de jataí um bocado de cera; trocou na mercearia de Seu Joaquim a única nota de dinheiro que lhe sobrava por algumas moedas de vintém e caiu na estrada. Caminhou por obra de uma légua ou mais, quando avistou uma árvore na beira da estrada. Chegando ao pé da árvore, parou e pôs-se a pregar os vinténs à folhagem com a cera que arranjava.

Não demorou muito, deu de aparecer na estrada um boiadeiro que vinha tocando uns boizinhos para vender na vila. E, como já ia levantando um solão esparramado, a cera ia derretendo e fazendo cair as moedas. Malasarte, fazendo festas, as apanhava. O boiadeiro acercou-se, curioso, perguntou-lhe o que fazia, e Malasarte explicou:

– Esta árvore é deveras encantada, patrão. As suas frutas são moedas legítimas. Estou colhendo todas, porque vou me bandear pra outra terra e tô pensando em levar a árvore, apesar de todo o trabalho que vai me dar.

– Não me diga isto, sô!

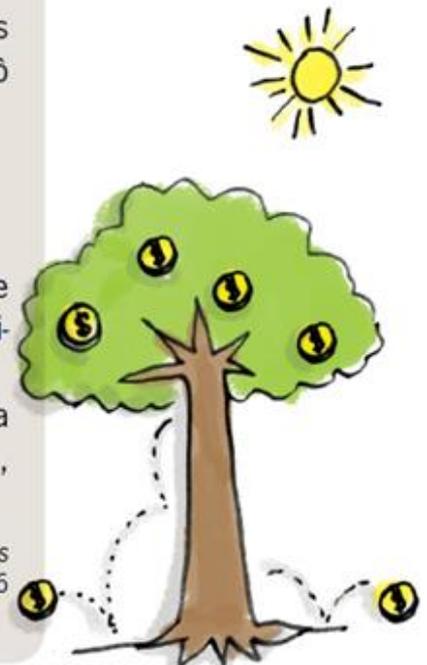
– É o que eu lhe digo, patrão!

– Diacho! Se lhe vai dar tanto trabalho...

E o boiadeiro propôs comprar a árvore encantada. Malasarte, depois de muitas negações, fechou negócio trocando a árvore pelos boizinhos; em seguida, bateu pé na estrada, vendendo-os na vila por um bom preço.

O boiadeiro mandou alguns de seus peões retirarem, com todo o cuidado, a árvore encantada e a replantou no pomar do seu sítio. Daqueles anos até hoje, está esperando ela dar moedas de vinténs.

SÉRGIO, Ricardo. *A árvore que dava dinheiro*. Extraído do site *Recanto das letras* ([www.recantodasletras.com.br](http://www.recantodasletras.com.br)), acesso em 2/8/2016



**Agora responda:**

1. Por que Malasarte quis enganar o boiadeiro?




6. Em todo conto de artimanha sempre há um protagonista esperto que vence o antagonista? Vamos retomar os três contos lidos e discutir:

**Como são os protagonistas desses contos? Anote.**

Pedro Malasarte, em <i>Sopa de pedras</i>	
Madame Carcas, em <i>A velhinha inteligente</i>	
Pedro Malasarte, em <i>A árvore que dava dinheiro</i>	

**Como são os antagonistas? Anote.**

Velha	
Soldados inimigos	
Boiadeiro	

## Atividade 8

**Revisão de texto coletiva.**

Leia o final do texto “A cumbuca de ouro”, escrito por um colega:

<b>E o pobre foi para a janela e disse:</b>
<b>- O que você tem?</b>
<b>- Eu tenho comida para você.</b>

- Mas não precisa, eu tenho comida.
Então tá.
E o rico voltou com a sacola, e chamou:
o pobre e o ele saiu pra fora e o rico jogou a
sacola, e o pobre saiu correndo
E quando ele voltou, achou o ouro e comprou
tudo o que ele queria.

- O texto está bem escrito ou precisa de ajustes? Reflita com a turma sobre os ajustes que são necessários: falta de conectivos, pontuação e finalização do conto.

Após esse momento, auxilie seu professor (a) a reescrever esse final com os ajustes necessários. Registre a nova versão no caderno, isto o auxiliará na percepção da pontuação e estrutura do texto.

### Depois desse momento, leia o final do texto, escrito pela autora:

O pobre fechou a porta, deixando só meia janela aberta. O rico, então, jogou lá dentro a cumbuca de vespas.

— Aí tem, compadre, a cumbuca de moedas que você achou em minhas terras. Aproveite esse grande tesouro — e ficou rindo.

Mas assim que a cumbuca caiu no chão, as vespas se transformaram em moedas de ouro, que rolaram.

Lá de fora o rico ouviu o barulhinho e desconfiou. E disse:

— Compadre, abra a porta, quero ver uma coisa.

Mas o pobre respondeu:

— Não caia nessa. Estou aqui que nem sei o que fazer com tantas vespas em cima. Não quero que elas ferrem o meu bom vizinho. Fuja, compadre!

E foi assim que o pobre ficou rico e o rico ficou ridículo.



Sandra Aymone. A cumbuca de ouro

## Atividade 9

Atividades do Livro Ápis: conto “O jabuti e a fruta” – páginas 206 a 208.

### Parte 1

#### O jabuti e a fruta

Uma vez apareceu na floresta uma árvore nova, que dava uma fruta que todos os bichos ficaram com vontade de comer. Mas só podia comer quem primeiro soubesse o nome da fruta. E, para ficar sabendo, era preciso perguntar a uma mulher que tomava conta e morava meio longe. Depois, embaixo da árvore, tinha que dizer bem certinho. Então a fruta amadurecia e caía.

Um por um, cada bicho ia lá na casa da mulher e perguntava. Ela respondia. Ela não podia enganar ninguém. Tinha que responder direito, o nome certo, como o deus da mata havia mandado.

[...]

Ana Maria Machado. **Histórias à brasileira:** O pavão misterioso e outras. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008. v. 3. p. 45.

- Será que os bichos vão conseguir matar a vontade de comer a fruta? Converse com os colegas.



### Parte 2

#### O jabuti e a fruta

[...]

Mas era um nome enorme e complicadíssimo. Quando chegava na metade do caminho, o bicho já tinha esquecido. E não podia voltar lá para perguntar de novo. Precisava guardar bem direitinho na cabeça, sem esquecer.

Para complicar ainda mais, a mulher fazia uma coisa ruim, só para atrapalhar. Misturava as ideias na cabeça do bicho que perguntava. Quer dizer, depois de falar bem certinho o nome da fruta, quando o bicho já estava indo embora, tentando guardar o nome, ela chamava:

— Ai, espera aí um pouquinho, compadre, eu acho que me enganei!

E dizia outro nome. Às vezes bem parecido, às vezes bem diferente. Mas sempre complicado. Então o bicho confundia um nome com o outro e, quando chegava embaixo da árvore, não conseguia dizer o nome certo. A fruta não caía lá de cima, e ele não podia comer.

A mulher fez isso com o macaco, com o veado, com a onça, com o tucano, com a cutia, com a anta, com o quati... Os bichos já tinham descoberto essa maldade dela e avisavam uns aos outros. Bem que o lagarto, quando foi lá perguntar o nome, tentou voltar repetindo sem parar o primeiro que ela dissera. Mas não adiantou porque ela chamou:

— Ei, amigo, eu errei! O nome não é esse, não... Eu acho que é outro.

Assim, ela queria guardar todas as frutas para ela, sem desobedecer ao deus da mata. Falava certo da primeira vez. Mas depois atrapalhava tudo.

[...]

— Ih!... não é que eu me enganei? Não é esse nome, não, é outro.

E lá vinha um mais complicado ainda. Não havia quem conseguisse guardar.

Até que chegou a vez do jabuti.

[...]



## Interpretação do texto

### Compreensão do texto

#### Atividade oral e escrita

- 1** No conto “O jabuti e a fruta”, uma fruta nova apareceu e fez os bichos desejarem comê-la. Para conseguirem o que queriam, era preciso seguir alguns passos. Leia os passos abaixo e numere-os na ordem em que eles deveriam ser cumpridos.

Dizer o nome certinho da fruta embaixo da árvore.

Perguntar o nome da fruta a uma mulher.

Memorizar o nome correto da fruta.

Não voltar para perguntar o nome da fruta de novo.

- 2** O que aconteceria quando todos esses passos fossem cumpridos?

- 3** Escreva duas razões pelas quais os bichos não conseguiam a fruta.

- 4** Releia a frase a seguir.

[...] a mulher fazia uma coisa ruim, só para atrapalhar.

- a) Que “coisa ruim” era essa?

- b) Por que a mulher agia assim?

- 5** Macaco, veado, onça, tucano, cutia, anta, quati, lagarto: nenhum deles conseguiu! Releia agora apenas esta frase do conto.

Até que chegou a vez do jabuti.

Converse com os colegas sobre o que vocês acham que vai acontecer com o jabuti. Será que ele vai conseguir? O que será que a mulher vai fazer? E o que o jabuti vai fazer? O que você faria para não esquecer o nome da fruta?

## Atividade 10

Atividades do Livro *Ápis*: conto “O jabuti e a fruta” – páginas 209 a 210.

Agora vamos ver quem conseguirá acertar o que vai acontecer nesta parte da história! Leia.

### Parte 3

#### O jabuti e a fruta

[...]

Até que chegou a vez do jabuti.

Sabendo do que tinha acontecido com os outros, ele teve uma ideia.

Levou sua violinha quando foi se apresentar à mulher:

— Por favor, a senhora pode me dizer qual é o nome da fruta?

Ela respondeu:

— Mussá, mussá, mussag**ambira**, mussauê.

Rapidamente, ele inventou uma musiquinha e começou a dedilhar as cordas da viola enquanto cantava:

— Mussá, mussá, mussagambira, mussauê.

Num instantinho a mulher chamou:

— Ai, seu Jabuti, não é que lhe dei uma informação errada? O nome não é esse, não, é **puçá**, puçá, puçacambira, puçarinha.

O jabuti não parou de cantar:

— Mussá, mussá, mussagambira, mussauê.

A mulher vinha atrás dele, falando sem parar.

— Ou será que eu me enganei? Acho que é **içá**, içá, pega na **embira**, solta a farinha...

E o jabuti, firme, dedilhando a viola:

— Mussá, mussá, mussagambira, mussauê.

A mulher não desistia:

— Ou será que é assá, assá, viu curupira, viu você?

O jabuti não parava um segundo:

— Mussá, mussá, mussagambira, mussauê.

A mulher ficou furiosa, passou a mão num pedaço de pau e deu uma pancada no jabuti. Rachou seu casco to-dinho, mas o teimoso não parou:

— Mussá, mussá, mussagambira, mussauê.

Continuou até que chegou perto da árvore, e a mulher teve de voltar para casa. O jabuti cantou:

— Mussá, mussá, mussagambira, mussauê.

[...]

- **ambira:** em algumas regiões é o nome da taturana ou tatarana, que é uma lagarta.
- **puçá:** fruto do puçazeiro; rede para pesca de siris, pitus.
- **içá:** formiga.
- **embira:** tipo de arbusto, cipó usado para amarrar.



## Compreensão do texto

1 O que o jabuti fez de diferente dos outros animais?

2 Escreva o nome da fruta. Fale em voz alta e veja se você também conseguiria guardar.

3 Escolha um nome inventado pela mulher para confundir o jabuti que você achou mais engraçado e transcreva-o.

Atividades do Livro Ápis: conto “O jabuti e a fruta” – páginas 210 a 212.

Depois de tanto esforço, nesse clima de tensão e com o casco quebrado, será que o jabuti levou adiante seu plano?

Leia como a história terminou.

### Parte 4

#### O jabuti e a fruta

[...]

Era o nome certo. A fruta caiu. Ele continuou cantando, e foi uma chuva de frutas, todas madurando e caindo. Dava para todos os bichos provarem.

E, como as frutas tinham um **visgo** grudento que nem jaca, os outros bichos aproveitaram e usaram o visgo para colar os cacos do casco rachado do jabuti.

E ele ficou assim, remendadinho, até hoje.

Ana Maria Machado. **Histórias à brasileira**: O pavão misterioso e outras.  
São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008. v. 3. p. 47.



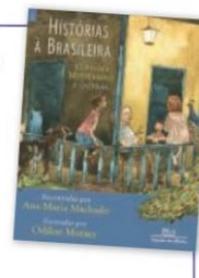
Hogemann Estúdio  
Agência de Arte



Photo: Camille/Contrasto

#### Sobre o autor

**Ana Maria Machado** (1941-) é uma autora de livros infantojuvenis com mais de cem livros publicados no Brasil, muitos deles traduzidos em vários países. Já recebeu diversos prêmios, entre eles o mais importante do mundo para a literatura infantil, em 2000, o prêmio Hans Christian Andersen.



Reprodução: Editora Companhia das Letrinhas

## Compreensão do texto

### Atividade oral e escrita

- 1 Por que a ideia do jabuti deu certo? Converse com os colegas.

- 2 Alguns contos populares trazem histórias que, no passado, tentaram explicar fatos ou fenômenos não compreendidos pelas pessoas.

Que fato ou fenômeno o conto "O jabuti e a fruta" tentou explicar?

## Linguagem e construção do texto

- 1 No conto "O jabuti e a fruta", em dado momento a mulher diz:

— Ai, seu Jabuti, não é que lhe dei uma informação errada? O nome não é esse, não [...]

Quais expressões usadas nessa frase são muito comuns na língua falada?

- 2 O nome da fruta e as variações que a mulher inventa para enganar os bichos são repetitivos e bem difíceis. Qual é a importância dessa complicação na história? Que efeito ela produz?

- 3 Para lembrar. O conto é uma narrativa em que há:

personagens   tempo   espaço   narrador   ação/enredo

- a) Em um conto, costuma haver personagens mais importantes, em torno de quem acontecem as ações. São os personagens principais.

Responda: Quais são os personagens principais desse conto?

- b) Aparecem também no conto outros personagens que participam da história, mas não são tão importantes. São os personagens secundários. Quais são os personagens secundários desse conto?

- c) Transcreva a expressão que indica que os fatos ocorrem no passado, mas em um **tempo indeterminado, não conhecido**.

- d) Qual é o **espaço**, isto é, o **lugar** onde ocorre a ação do conto?

- e) Releia este trecho.

Sabendo do que tinha acontecido com os outros, ele teve uma ideia. Levou sua violinha quando foi se apresentar à mulher:

— Por favor, a senhora pode me dizer qual é o nome da fruta?

Ela respondeu:

— Mussá, mussá, mussagambira, mussauê.

No conto há:

- o **narrador**, que conta a história;
- os **personagens**, que participam da história.

Responda observando as cores: Que trecho se refere ao narrador e que trecho se refere a diferentes personagens?

### Desafio 1

Vamos fazer uma **leitura jogralizada** do conto “O jabuti e a fruta” para ler para nossos familiares. Para essa leitura será necessário escolher:

- alguém para ler a fala do narrador;
- alguém para ler a fala da mulher.

A classe, em coro, fará a fala do jabuti. Não pode errar o nome da fruta!

Pratiquem antes para falar o nome corretamente. E criem outros nomes semelhantes para ficar mais divertido!

### Atividade 12

Atividades do Livro Ápis: conto “O jabuti e a fruta” – página 214.

#### Palavras de ligação entre as partes do texto

Na língua falada, ao contarmos histórias ou fatos, é muito comum empregarmos palavras como **aí**, **daí**, **depois**, **né**, para ligar as ideias.

Mas, quando muito repetidas, essas palavras acabam chamando muito a atenção tanto na fala quanto na escrita e podem cansar os ouvintes/leitores.

Existem maneiras de evitar essas repetições. No conto “O jabuti e a fruta”, há palavras e expressões empregadas para fazer a ligação entre as partes do texto.

- 1 Quais são as palavras ou expressões usadas no texto que fizeram a ligação entre as partes do enredo?

- 2 **EM DUPLA.** Procurem palavras ou expressões que possam substituir as que vocês localizaram, sem alterar o sentido do texto.

#### Analisando a linguagem do texto

### Atividade 13

Atividades do Livro Ápis: conto “O jabuti e a fruta” – páginas 219 e 220.

#### Uso de palavras de ligação (coesão)

- 1 Vimos no texto “O jabuti e a fruta” palavras que ligam as partes da história. Releia o primeiro parágrafo e veja como as palavras destacadas organizaram e ligaram as ideias nesse trecho.

**Uma vez** apareceu na floresta uma árvore nova, que dava uma fruta que todos os bichos ficaram com vontade de comer. **Mas** só podia comer quem primeiro soubesse o nome da fruta. **E**, para ficar sabendo, era preciso perguntar a uma mulher que tomava conta e morava meio longe. [...]

Complete os itens abaixo com as palavras ou expressões destacadas correspondentes.

a) Dá ideia de **tempo**:

b) **Acrescenta** uma ideia:

c) **Contraria** uma ideia anterior:

2 Releia outro parágrafo do mesmo conto.

**Mas** o nome era enorme e complicadíssimo. **Quando** chegava na metade do caminho, o bicho já havia esquecido. **E** não podia voltar lá para perguntar de novo. Precisava guardar bem direitinho na cabeça, sem esquecer.

Complete os itens abaixo com a palavra destacada correspondente.

a) Ideia de **tempo**:

b) Ideia que **contraria** uma ideia anterior:

c) Ideia de **adição**:

3 O trecho a seguir é uma curiosidade sobre um inseto chamado louva-a-deus.



► Louva-a-deus.

O louva-a-deus ganhou esse nome **porque** costuma ficar parado com as patas unidas, **como se** estivesse rezando. Ele se coloca nessa posição para caçar.

Fernanda Santos (Org.). **Curiosidades Recreio**.  
São Paulo: Abril, 2012.

Nesse trecho foram destacadas palavras de ligação no meio das frases. Observe as palavras e escreva a ideia que cada uma expressa.

a) Porque:

b) Como se:

Empregamos **palavras de ligação** em um texto para organizar as ideias.

## Atividade 14

Atividades do Livro Ápis: conto “O jabuti e a fruta” – páginas 221 e 222.

b) A seguir você lerá palavras e expressões que podem substituir os termos destacados no texto sem alterar o sentido.

Copie esses termos ao lado da palavra ou expressão correspondente.

• assim:

• pois:

• porém:

• de muitos lugares:

• além de:

• certo dia:

c) Escreva na frente de cada termo identificado na atividade anterior a ideia ou o sentido que ele expressa: tempo, causa, oposição, conclusão, lugar ou acréscimo de ideia.

### Agora você

1 Leia o começo da história “O bicho folhagem”. Foram destacadas palavras e expressões de ligação no início e no meio das frases.

Dizem que todos os bichos da mata tinham muito medo da onça, porque ela era muito forte. **Mas** alguns, como o macaco, o jabuti e o coelho, eram muito espertos. [...] Ela ficava com muita raiva deles.

**Uma vez**, a onça jurou que ia pegar o coelho, **porque** não aguentava mais ser enganada por ele **e ainda** ter que aturar tudo quanto era bicho rindo.

**Então**, ela deitou no meio da estrada e fingiu de morta. [...]

**De todo lado**, os bichos chegavam e vinham ver. [...]

Ana Maria Machado. **Histórias à brasileira**: a Moura Torta e outras.  
São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002. v. 1. p. 67-70.

a) Qual pode ser o plano da onça? Você acha que ela vai conseguir pegar o coelho?

- 2 Na história em quadrinhos a seguir há espaços cobertos com letras. Leia a história e complete os espaços considerando os termos dos quadros.

no fim

era uma vez

então

mas

e



Laerte. Lola, a andorinha. Folha de S.Paulo, 2 abr. 2011. Folhinha. p. 8.

a)

d)

b)

e)

c)

## Atividade 15

### Atividade de compreensão leitora e análise linguística.

#### O cego e o dinheiro enterrado

Um cego, muito econômico, guardava suas moedas em casa e, temendo os ladrões, resolveu esconder seu tesouro no quintal. Cavou um buraco ao pé de uma árvore, debaixo da raiz, e deixou seu dinheiro bem disfarçado.

Sucedeu que um vizinho seu, vendo-o ir tão cedo para o fundo do quintal, acompanhou-o, descobrindo o segredo. Quando anoiteceu, voltou à árvore e furtou todo o dinheiro que o cego enterrava.



Pela manhã, o dono veio tateando, e verificou ter sido roubado. Como não resolvia chorar ou queixar-se, fingiu não ter sido visitado pelo ladrão e começou a pensar em uma forma de readquirir seu dinheiro, sem barulhos.

Foi procurar o vizinho e lhe falou:

— Vizinho, nesse tempo, ninguém pode ter confiança senão em si mesmo, apesar dos dentes morderem a língua e ambos viverem juntos. Juntei minhas economias e escondi num pé de árvore ali no meu quintal, pensando ser um lugar seguro. Acabo de receber um bom dinheiro e vim pedir conselho a você. Guardo tudo junto ou levo esse dinheiro para a cidade?

O vizinho pensou logo em pegar todo o dinheiro do cego e aconselhou-o que deixasse tudo junto, no mesmo canto já antigo.

E logo que escureceu, correu e foi levar o que havia tirado na noite anterior, para o cego não desconfiar. Cobriu tudo de areia, alisou, retirou-se. Mais tarde, o cego procurou o cantinho velho e tomou posse do seu dinheiro ali colocado pelo vizinho que sonhava ficar com tudo.

E quando o ladrão voltou, encontrou apenas o buraco oco, sem um níquel sequer.

Luís da Câmara Cascudo

### VOCABULÁRIO

1) Encontre, no texto, sinônimos para as palavras:

- a) apalpando: \_\_\_\_\_  
b) dinheiro, moeda: \_\_\_\_\_  
c) vazio: \_\_\_\_\_  
d) suspeitar: \_\_\_\_\_

### ATIVIDADES TEXTUAIS

1) Enumere corretamente os fatos de acordo como aconteceram no texto.

- ( ) O vizinho viu o cego enterrando o dinheiro e à noite roubou-o.  
( ) O cego foi "aconselhar-se" com o vizinho, visando reaver o dinheiro que lhe fora roubado.  
( ) Um homem cego, temendo ser roubado, escondia seu dinheiro no quintal.  
( ) Pela manhã, o cego descobriu que fora roubado.  
( ) O vizinho, imaginando roubar o suposto dinheiro que o cego disse ter recebido, volta ao local e, para o cego não desconfiar, coloca todo o dinheiro que havia roubado no mesmo lugar, cobrindo bem o buraco.  
( ) O cego consegue reaver o dinheiro.

2) Por que o cego escondia o dinheiro no quintal?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



## Atividade 16

### Hora de escrever!

O texto que você lerá é um trecho do texto “O sapo com medo d’água” de Luís da Câmara Cascudo.

#### O SAPO COM MEDO D’ÁGUA

O sapo é esperto. Uma feita o homem agarrou o sapo e levou-o para seus filhos brincarem. Os meninos judiaram dele muito tempo e, quando se fartaram, resolveram matar o sapo. Como haviam de fazer?

- Vamos jogar o sapo nos espinhos!
- Espinhos não furam o meu couro – dizia o sapo.
- Vamos queimar o sapo!
- Eu no fogo estou em casa!
- Vamos sacudir ele nas pedras!
- Pedra não mata sapo!
- Vamos furar de faca!
- Faca não atravessa!
- Vamos botar o sapo dentro da lagoa!

Aí o sapo ficou triste e começou a pedir, com voz de choro:

– Me bote no fogo! Me bote no fogo! N’água eu me afogo! N’água eu me afogo!

### Entendendo a história

#### 1. Quais ameaças são feitas ao sapo?


#### 2. Como o sapo reage?


#### 3. No trecho lido, é possível notar que o sapo cria uma estratégia para que os meninos não lhe façam mal. Que plano foi colocado em prática pelo sapo para enganar os meninos?




## Atividade 17

### Leitura de conto de artimanha escrito em cordel.

Leia o texto com o seu professor e depois grife os trechos que possam justificar as respostas das perguntas que estão abaixo:

- 1- Por que Malasartes resolveu ir à casa do casal?
- 2- Como Malasartes podia saber o que o casal escondia dele?
- 3- Para que Malasartes capturou um corvo? Qual era o seu plano?
- 4- Como Malasartes conseguiu enganar o casal?
- 5- Malasartes ficou com o dinheiro?

#### O saco adivinho

Foi que foi, e o Malasartes, numa certa ocasião, enredou-se numa história que foi só complicação.

O casal Pinto da Silva, gente ruim de dar com pau, não pagava o que devia ao compadre Nicolau.

Toda vez que o Nicolau ia lá para cobrar, os dois falsos se queixavam, começavam a chorar:

- Tenha pena, Nicolau! Veja que situação.  
Nós dois não temos dinheiro pra comprar nem mesmo um pão.  
Na verdade somos pobres e essa terra nada dá, mesmo que a gente trabalhe dia e noite sem parar.  
O problema inda é maior quando o caso é a criação, pois a cobra vem e mata o pato, o porco e o leitão.  
Paciência, Nicolau! Você só tem que esperar, pois um dia a nossa vida haverá de melhorar.  
Pois quem sabe ano que vem, e se dessa vez chover, pode ser que o que eu plante no verão venha a crescer.  
Pra salvar a criação, e se a cobra eu for matar, estou certo que as galinhas muitos ovos vão botar...

O compadre foi embora e saiu sem um vintém, pois aqueles dois malandros não pagavam a ninguém.

Sem saber o que fazer, Nicolau subiu o morro, procurou o Malasartes e pediu o seu socorro.

Pedro viu que era difícil enganar o tal casal, mas na hora ele criou uma ideia original.

Com um laço bem armado lá na ponta de um bambu, conseguiu capturar um idoso urubu.

O urubu era tão velho que nem soube espernear. Pois foi só pegar a ave e num saco encafuar.

Em seguida o Pedro foi, carregando o velho saco, espiar pela janela o casal lá no barraco.

Viu a dona preparando um leitão esplendoroso e também viu queijos, vinhos e um feijão muito cheiroso.

O dinheiro do casal, nota a nota a contar, o marido conferia esperando pra jantar.

Pedro foi bater à porta lá daquela moradia, mas voltou para a janela pra ver o que acontecia.

Viu os dois surpreendidos esconder toda a comida dentro de um armário grande que fecharam em seguida.

O marido, surpreendido, o dinheiro pôs num prato e enfiou numa gaveta que fechou logo no ato.

Quando enfim se abriu a porta, Malasartes, bem esperto, pediu pouso e comida já que a noite estava perto.

- Se ao amigo não ofendem a pobreza deste lar e uma cuia de farinha, não se acanhe, pode entrar!

Malasartes agradeceu gentilmente e entrou, pondo o saco bem debaixo da cadeira onde sentou.

Um punhado de farinha estendeu-lhe a tal mulher e ela ainda ofereceu uma cuia e uma colher.

Malasartes, novamente, educado agradeceu mas olhando para o saco deu-lhe um chute que doeu.

Lá de dentro, do urubu, veio um ronco da barriga. Pedro fez uma cara bem séria e disse alto:  
- Não me diga!

A mulher achou gozado e curiosa quis saber:  
- Não sei como o senhor pode para um saco responder...

- Isso é estranho, eu concordo - respondeu o Malasartes.  
- É que o saco é adivinho, e eu o levo a toda parte.

- Me desculpe o visitante - marido riu com troça.  
- Mas um saco adivinhar eu não vejo como possa...

Malasartes concordou: - É difícil de se crer, mas é bom saber que o saco acabou de me dizer que o casal que me hospeda e alivia a minha fome é uma gente muito fina que tem belo sobrenome. É o casal Pinto da Silva, gente boa onde estiver, sendo o Silva do marido, e o Pinto da mulher.

- Está certo, isso eu não nego - confirmou rindo o marido.  
- O meu nome todos sabem, eu sou muito conhecido.

Em resposta ao que foi dito, Malasartes nem piscou. Novamente deu um chute e outro ronco se escutou.

- A razão está consigo - disse o Pedro. - Isso é possível. Mas agora o saco mágico falou coisa mais incrível. Disse que naquele armário tem bom vinho e tem feijão, tem arroz, tem queijo fino, tem até u bom leitão!

O casal teve de abrir o armário sem demora, trazer tudo para a mesa e servir na mesma hora.

Malasartes comeu bem, regalou-se, o bom velhaco. E no fim da refeição apertou de novo o saco.

- Mas o que virá? - perguntou o anfitrião.  
- Quando o saco faz barulho, lá vem adivinção!

- Está certo, meu compadre - disse o Pedro Malasartes.  
- Me perdoe se esse saco deu de novo forte aparte. Esse saco disse agora, e foi isso que eu ouvi, que tem prato com dinheiro na gaveta logo ali!

- Esse saco é um portento! - a mulher disse ao marido, sem nem se preocupar se o bom Pedro tinha ouvido.  
- Quero o saco para mim, essa grande descoberta! Vá pegar nosso dinheiro, pra fazer logo uma oferta!

O marido foi depressa o dinheiro procurar. Mal sabia quanto o Pedro era mestre em pechinchar.

Pedro fez que não queria, regateou desde o começo. Mas o Silva fez questão e foi aumentando o preço.

Quando o preço foi chegando ao valor que era devido ao compadre Nicolau, Pedro deu-se por vencido:

- Está bem, eu vou vender, mas estou penalizado. Só espero que em sua casa ele seja bem tratado.

O dinheiro do casal, bem feliz Pedro embolsou. Despediu-se aliviado e o urubu ele entregou.

Ao compadre Nicolau, Malasartes foi ligeiro e feliz com o sucesso devolveu todo o dinheiro.

A mulher mais o marido, a princípio com cuidado, deram chutes e apertões no tal saco enfeitado.

Mas do saco, em desespero, por sofrer tanto apertão, só saíram roncões tristes e nenhuma predição.

Resolveram abrir o saco para ver se era encantado, mas lá dentro só encontraram o urubu já desmaiado!



Disponível em: <https://nasentrelinhasport.blogspot.com/2018/04/malasaventuras-pedro-bandeira.html>. Acesso em 15 de setembro de 2021.

## Atividade 18

### Revisão de texto

Leia o final do conto que um aluno do 4º ano criou:

#### O saco adivinho

**(...) Malasartes, novamente, educado agradeceu, mas olhando para o saco deu-lhe um chute que doeu.**

O que o saco falou disse a esposa

Disse que no armário tem comida então o urubu saiu e farejou comida, Malasartes seguiu o urubu e abriu o armário e viu muita comida, o urubu derrubou toda a comida.

Enquanto o casal limpava, Malasartes foi na gaveta e pegou todo o dinheiro e foi embora.

Foi à casa de Nicolau e deu o dinheiro que o casal devia.

Nicolau despejou o casal.



## Atividade 19

Agora leia outra versão do conto:

### DE COMO MALASARTES FEZ O URUBU FALAR

Quando o pai de Pedro Malasartes entregou a alma a Deus, fez-se a partilha dos bens, uma casinha velha, entre os filhos, e tocou a Pedro uma das bandeiras da porta da casa, com o que ele ficou muito contente.

Pôs a porta no ombro e saiu pelo mundo. Em caminho, viu um bando de urubus sobre um burro morto. Atirou a porta sobre eles e caçou um urubu que ficou com a perna quebrada.

Apanhou-o, pôs a porta às costas e continuou viagem.

Obra de uma légua ou mais, avistou uma casa de onde saía fumaça, o que queria dizer que se estava preparando o jantar.

Pedro Malasartes, que sentia fome, bateu à porta e pediu de comer.

Veio atendê-lo uma empregada lambisgoia que foi logo dizer à patroa que ali estava um vagabundo, com um urubu e uma porta, a pedir de jantar.

A mulher mandou que o despachasse – que a sua casa não era coito de malandros.

O marido estava de viagem e a mulher no seu bem-bom a preparar um banquete para quem ela muito bem o destinava. Neste mundo há coisas!

Pedro Malasartes, tão mal recebido que foi, resolveu subir para o telhado, valendo-se da porta que trazia e lhe serviria de escada. Subiu e ficou espreitando o que se passava naquela casa, tanto mais que sentia o cheiro dos bons petiscos.

Espiando pelos vãos das telhas, viu os preparativos e tomou nota das iguarias, e ouviu as conversas e confidências da patroa e da empregada.

Justamente na hora do jantar chegou o dono da casa, que resolveu voltar de inesperado da viagem que fazia.

Quando a mulher percebeu que ele se aproximava, mandou esconder os pratos do banquete e veio recebê-lo e abraçá-lo, muito fingida, muito risonha, mas por dentro queimando de raiva.

Vai daí mandou pôr na mesa a janta que constava de feijão aguado, paçoca de carne-seca e cobu, dizendo:

– Por que não avisou, marido? Sempre se havia de aprontar mais alguma coisa...

Sentaram-se à mesa.

Pedro Malasartes desceu de seu posto e bateu na porta, trazendo o urubu.

O dono da casa levantou-se e foi ver quem era.

O rapaz pediu-lhe um prato de comida e ele chamou-o para a mesa a servir-se do pouco que havia.

A mulher estava desesperada, desconfiando com a volta de Malasartes.

Pedro tomou assento, puxou o urubu para debaixo da mesa, preso pelo pé num pedaço de corda de pita.

Estavam os dois homens conversando, quando de repente o Malasartes pisou no pé quebrado do bicho e este se pôs a gritar: *uh! uh! uh!*



O dono da casa levou um susto e perguntou que diabo teria o bicho. Pedro respondeu muito sério:

- Nada! São coisas. Está falando comigo.
- Falando! Pois o seu bicho fala?!
- Sim, senhor, nós nos entendemos. Não vê como o trago sempre comigo? É um bicho mágico, mas muito intrometido.
- Como assim?
- Agora, por exemplo, está dizendo que a patroa teve um aviso oculto da volta do senhor e por isso lhe preparou uma boa surpresa.
- Uma surpresa! Conte lá isso como é.
- É deveras! Uma excelente leitoa assada que está ali naquele armário...
- Pois é possível! Ó mulher, é verdade o que diz o urubu desse moço?

Ela, com receio de ser apanhada com todo o banquete e certa de que Pedro sabia da marosca, apressou-se em responder:

- Pois então? Pura verdade. O bicho adivinhou. Queria fazer-te a surpresa no fim do jantar.

E gritou pela empregada:

- Maria, traz a leitoa.

A moça veio logo correndo, mas de má cara, com a leitoa assada na travessa.

Daí a pouco, Pedro Malasartes pisou outra vez no pé do urubu, que soltou novo grito.

- O que é que ele está dizendo?
- Bicho intrometido! Está candongando outra vez. Cala a boca, bicho!
- O que é?
- Outras supresas.
- Outras?!
- Sim, senhor: um peru recheado...
- É verdade, mulher?
- Uma surpresa, maridinho do coração. Maria, traz o peru recheado que preparei para o teu amo.

Veio o peru. E pelo mesmo expediente conseguiu Pedro Malasartes que viessem para a mesa todas as iguarias, doces e bebidas que havia em casa.

Ao fim do jantar, o dono da casa, encantado com as proezas do urubu, propôs comprá-lo a Pedro Malasartes, que o vendeu muito bem vendido, enquanto a mulher e a empregada bufavam de raiva, crentes também no poder mágico do bicho, que, assim, seria um constante espião de tudo quanto fizessem.

Fechado o negócio, Pedro Malasartes partiu satisfeito e vingado.



## Compreendendo o texto

1. Quem é o protagonista esperto nesse conto?

--

2. Quem foi enganado?

--

3. Qual foi o plano (a artimanha) do esperto?


4. Por que Pedro enganou a família?


5. O urubu era mágico? Então como Pedro sabia das coisas?


6. No final da história, a família percebeu que havia sido enganada? Justifique a sua resposta.


7. Leia o trecho “Fechado o negócio, Pedro Malasartes partiu satisfeito e vingado”. Explique por que ele saiu dessa maneira.


8. Retome a leitura do conto “O sapo com medo d’água” e “De como Malasartes fez o urubu falar” e preencha o quadro abaixo:

Conto	Qual a motivação?	Qual a artimanha utilizada?
O sapo com medo d’água		
De como Malasartes fez o urubu falar		

### Atividade 20

#### Produção de final de conto – Avaliação de percurso

O texto abaixo está sem final!

O que será que aconteceu com a história?

Leia o texto e depois invente um final para ele. Capriche!

#### Pedro Malasartes e os porcos

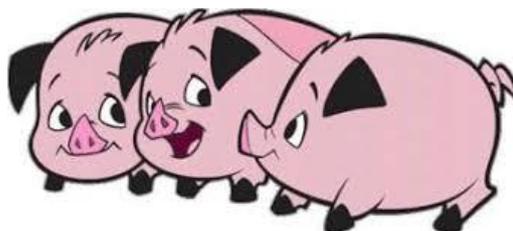
Pedro Malasartes, uma vez, arranjou um emprego de guardador de porcos. Mas ele era maltratado pelo patrão, que lhe dava pouca comida e nunca lhe pagava o salário.

Um dia, Pedro estava guardando os porcos perto de um lamaçal. Então passou por ali um homem que quis comprar os animais. Pedro Malasartes fingiu que era dono deles e vendeu os porcos todos, com a condição de ficar com seus rabos.

Assim que o homem foi embora, enterrou os rabos com a ponta de fora e começou a gritar pelo patrão:

— Patrão, patrão, os porcos se afundaram todos no lamaçal. Socorro! Patrão, patrão!

O patrão, ouvindo o berreiro, veio correndo. Quando viu os rabos na lama, pegou num deles e puxou, pensando que puxava um porco. Mas só saiu o rabo mesmo.



Então, Pedro Malasartes, muito abusado, preveniu o patrão:  
 — Assim não, patrão, que o rabo não aguenta. Eles só saem daí se a gente arrancar com a pá.  
 — Pois vá buscar a pá, anda! Traga logo as duas.  
 Ele, numa corrida, obedeceu, sabia que o patrão guardava duas bolsas de dinheiro bem escondidas. Chegando à casa do patrão, vendo a mulher e a filha passeando no jardim, lhes disse:  
 — O patrão mandou que me entregassem duas sacolas de dinheiro que estão guardadas dentro da casa. Falou ainda que a senhora sabe bem onde estão.

### Planejamento de produção de conto

Quem são os personagens?	Quais são suas características	Quais são suas principais ações na história?
Onde estão?		
Qual é a situação problema?		
Qual o título?		



## Atividade 21

**Conheça o final do texto:**

### **Pedro Malasartes e os porcos**

Pedro Malasartes, uma vez, arranhou um emprego de guardador de porcos. Mas ele vivia com raiva do patrão, que lhe dava pouca comida e pagava muito mal.

Um dia Pedro estava guardando os porcos perto de um lamaçal. Então passou por ali um homem que quis comprar os animais. Pedro Malasartes fingiu que era dono deles e vendeu os porcos todos, com a condição de ficar com seus rabos.

Assim que o homem foi embora, enterrou os rabos com a ponta de fora e começou a gritar pelo patrão:

— Patrão, patrão, os porcos se afundaram todos no lamaçal. Socorro! Patrão, patrão!

O patrão, ouvindo o berreiro, veio correndo. Quando viu os rabos na lama, pegou num deles e puxou, pensando que puxava um porco. Mas só saiu o rabo mesmo.

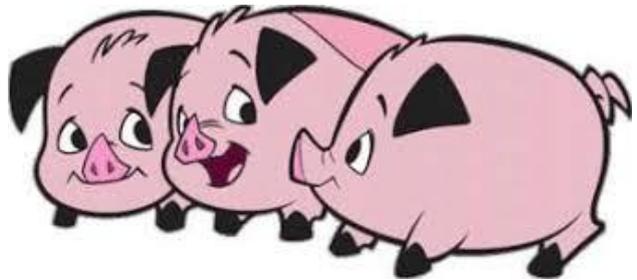
Então, Pedro Malasartes, muito abusado, preveniu o patrão:

— Assim não, patrão, que o rabo não aguenta. Eles só saem daí se a gente arrancar com a pá.

— Pois vá buscar a pá, anda! Traga logo as duas.

Ele, numa corrida, obedeceu, sabia que o patrão guardava duas bolsas de dinheiro bem escondidas. Chegando à casa do patrão, vendo a mulher e a filha passeando no jardim, lhes disse:

— O patrão mandou que me entregassem duas sacolas de dinheiro que estão guardadas dentro da casa. Falou ainda que a senhora sabe bem onde estão.



A mulher ficou desconfiada.

Então, Pedro gritou de longe para o patrão, fazendo grandes gestos:

— Não é para pegar as duas?

O patrão, pensando que ele estava falando de pás, confirmou:

— As duas! Todas as duas!

A mulher entregou as duas bolsas a Malasartes, que caiu no mundo e nunca mais voltou.

## Agora é com você!

1. Circule no texto todas as palavras que se referem a Pedro Malasartes, o principal personagem desta história.

2. Depois disso, organize as palavras que encontrou em duas listas: substituições lexicais (de substantivos por sinônimos) ou pronominais.

Substituições lexicais	Substituições pronominais

Responda:

1) No trecho "Ele, numa corrida, obedeceu. Chegando à casa do patrão, vendo a mulher e a filha passeando no jardim, **lhes** disse". **O termo em negrito refere-se a quem?**

Resposta: \_\_\_\_\_

2) No trecho "— O patrão mandou que **me** entregassem duas sacolas de dinheiro que estão guardadas dentro da casa. Falou ainda que a senhora sabe bem onde estão." **O termo sublinhado refere-se**

(a) ao patrão

(b) aos porcos

(c) a Pedro Malasarte

(d) a mulher do patrão

### Atividade 22

#### A esperteza do tatu

No tempo em que os animais falavam (mas nem todos se entendiam, como veremos...), ia certo dia um lenhador pela floresta, quando ouviu os urros de uma onça, que caíra numa armadilha preparada por alguns caçadores.

O lenhador se aproximou da armadilha e a onça suplicou-lhe que a tirasse dali. O homem ficou desconfiado:

— Eu, hein?! Você é uma onça, bicho perigoso. Se eu a soltar, depois você vai querer me devorar.

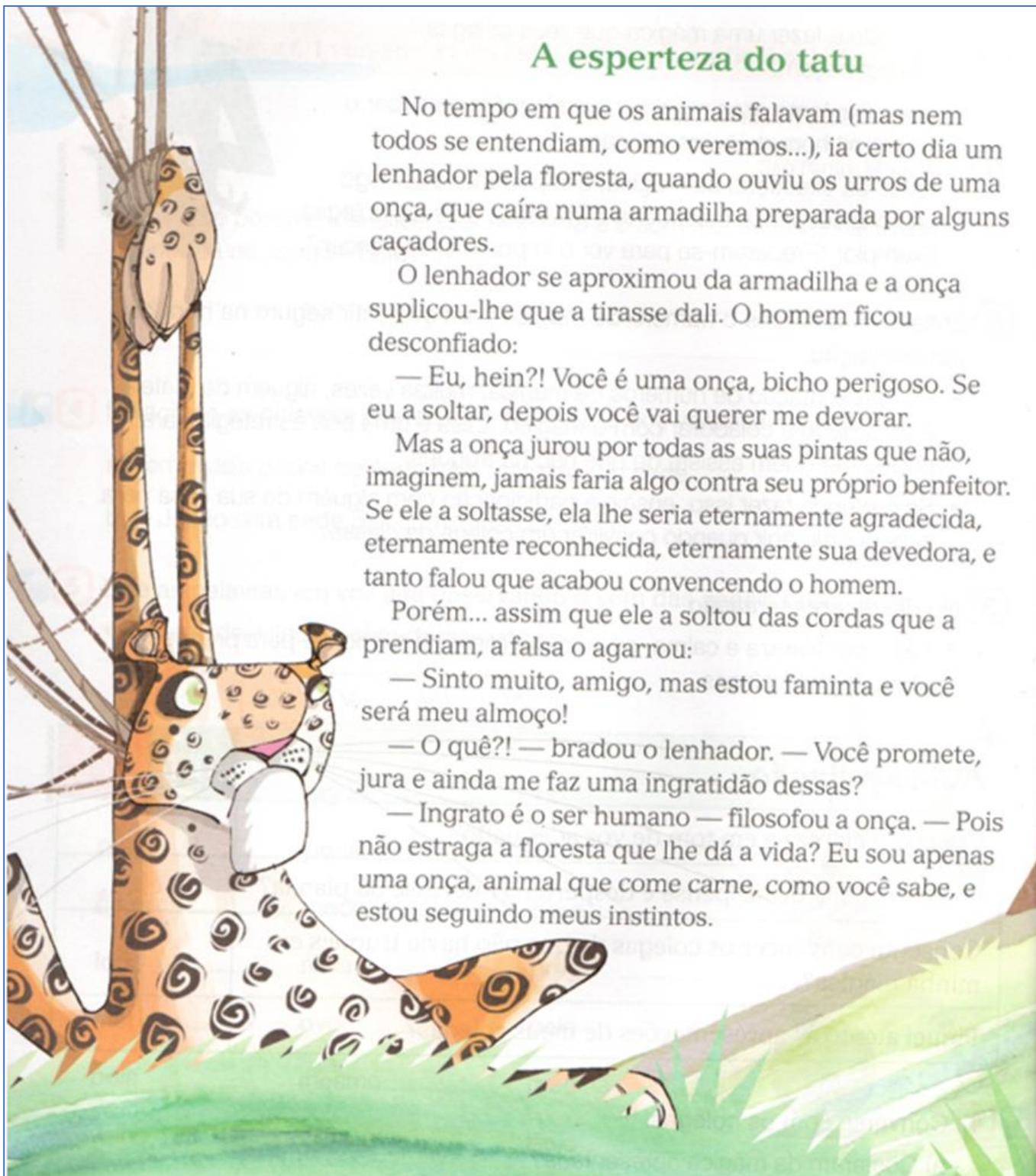
Mas a onça jurou por todas as suas pintas que não, imaginem, jamais faria algo contra seu próprio benfeitor. Se ele a soltasse, ela lhe seria eternamente agradecida, eternamente reconhecida, eternamente sua devedora, e tanto falou que acabou convencendo o homem.

Porém... assim que ele a soltou das cordas que a prendiam, a falsa o agarrou:

— Sinto muito, amigo, mas estou faminta e você será meu almoço!

— O quê?! — bradou o lenhador. — Você promete, jura e ainda me faz uma ingratidão dessas?

— Ingrato é o ser humano — filosofou a onça. — Pois não estraga a floresta que lhe dá a vida? Eu sou apenas uma onça, animal que come carne, como você sabe, e estou seguindo meus instintos.



Mas o lenhador argumentou: naquele caso, quem tinha razão era ele, a ingrata era ela e, já que não chegavam a um acordo, teriam que chamar um juiz para decidir a contenda.

A onça concordou.

O primeiro a passar ali foi um tatu, logo chamado para intervir na questão e julgar as partes contrárias. O tatu ouviu os argumentos dos dois e depois decidiu:

— Não posso fazer um julgamento perfeitamente justo se não souber exatamente como é que a onça estava antes de ser solta. Por favor, senhora onça, queira voltar à sua posição na armadilha.

A onça, distraída, caiu no logro. Voltou à armadilha e tornou-se novamente uma prisioneira.

— Vamos embora — disse o esperto tatu ao homem. — Ela que suplique agora aos caçadores e aprenda que o bem não se paga com o mal.

Rosane Pamplona. *Almanaque bichos do Brasil*. São Paulo: Moderna, 2014.



### Tantas palavras

Releia o trecho.

A onça distraída caiu no logro.

- Marque a alternativa que indica o significado da palavra **logro**.

Habilidade para não se deixar enganar.

Artifício ou manobra com que se engana ou ilude alguém.

Trabalhando com o texto:

1) Responda de acordo com texto que você leu:

a) Qual o título do texto?

---

b) Que personagem foi mais esperta?

---

c) Qual foi a esperteza desse personagem?

---

d) Qual outra personagem mostrou esperteza no conto?

---

c) Qual foi a esperteza dela?

---

d) Quem é o autor (a) do texto?

---

2) Relacione cada personagem à ação praticada na história.

( 1 ) Tatu

( ) Desconfiou, mas ajudou assim mesmo.

( 2 ) Onça

( ) Foi chamado para ajudar.

( 3 ) Lenhador

( ) Suplicou por ajuda.

## Atividade 23

### Aula de revisão de texto

Leia a produção de um colega:

#### Produção de final de conto

O texto abaixo está sem final!  
O que será que aconteceu com a história?  
Leia o texto e depois invente um final para ele. Capriche!

#### Pedro Malasartes e os porcos

Pedro Malasartes, uma vez, arranjou um emprego de guardador de porcos. Mas ele era maltratado pelo patrão, que lhe dava pouca comida e nunca lhe pagava o salário.

Um dia Pedro estava guardando os porcos perto de um lamaçal. Então passou por ali um homem que quis comprar os animais. Pedro Malasartes fingiu que era dono deles e vendeu os porcos todos, com a condição de ficar com seus rabos.

Assim que o homem foi embora, enterrou os rabos com a ponta de fora e começou a gritar pelo patrão:

— Patrão, patrão, os porcos se afundaram todos no lamaçal. Socorro! Patrão, patrão!

O patrão, ouvindo o berreiro, veio correndo. Quando viu os rabos na lama, pegou num deles e puxou, pensando que puxava um porco. Mas só saiu o rabo mesmo.

Então, Pedro Malasartes, muito abusado, preveniu o patrão:

— Assim não, patrão, que o rabo não aguenta. Eles só saem daí se a gente arrancar com a pá.

— Pois vá buscar a pá, anda! Traga logo as duas.

Ele, numa corrida, obedeceu, sabia que o patrão guardava duas bolsas de dinheiro bem escondidas. Chegando à casa do patrão, vendo a mulher e a filha passeando no jardim, lhes disse:

— O patrão mandou que me entregassem duas sacolas de dinheiro que estão guardadas dentro da casa. Falou ainda que a senhora sabe bem onde estão.

Então a mulher perguntou:

— Mas para quê? porque ele pediu isso?

Então Pedro respondeu:

— Não, não senhora Marta, é que eu e ele vamos executar um plano comprar no supermercado?

Respondeu a mulher:

— Então também irei buscar espere-me aí. Respondeu a mulher.

Um tempo depois, a mulher chegou com o dinheiro e Pedro aproveitou-se e pediu se podia ir ao banheiro, a mulher deixou.

Pedro disse no caminho:

— Ainda bem, que ela não perguntou porque que vou levar o dinheiro junto no banheiro.

Quando Pedro chegou no banheiro, ele pulou a janela do banheiro e foi com o dinheiro junto.

E Pedro nunca mais teve dificuldade em sua vida e enquanto isso o patrão e a sua família estavam pobres.

1. Agora, observe se houve a repetição de alguma palavra. Se houve, quais foram as palavras repetidas?

---

---

2. Encontre uma substituição lexical para essas palavras e escreva um bilhete ao seu colega, falando sobre a sua produção e o que poderia mudar para seu texto ficar ainda melhor.


## Atividade 24

Após estudar os diferentes tipos de pontuação e sua função no texto, leia o conto abaixo e coloque as pontuações necessárias:

### O pulo do gato

A onça andava maluca para pegar o gato. Mas ela sabia que o gato é o maior mestre pulador que existe. Com um salto de lado, ele sempre escapava.

- Um dia, a onça pediu ao gato
- Compadre, quer me ensinar a pular
- Ora, nessa é que eu não caio  A comadre quer é pular sobre mim e me comer
- Imagine só uma coisa dessas  Acha que eu seria tão ingrata a ponto de devorar o meu professor

Ainda um pouco desconfiado, o gato começou a ensinar a onça.

Pula que pula, a onça foi aprendendo depressa.

- Pronto  A comadre já aprendeu tudo —disse o gato.
- Será  —perguntou a onça.  Vou repetir os pulos para ver se aprendi mesmo...

E a onça deu um pulo tentando abocanhar o seu professor. Mas o gato pulou rapidamente para o lado e escapou. A onça, muito sem graça, disse

- Viu só  Ainda não sei tudo. Acabe as aulas, compadre
- Ora, comadre  Não nasci ontem  Se tivesse ensinado tudo o que sei, a esta hora estaria em sua barriga. Adeus



## Atividade 25

Nesta atividade conheceremos mais um texto de Luís da Câmara Cascudo. Porém, antes de ler o texto, conheça um pouco sobre esse autor:



Luís da Câmara Cascudo, 1928

### LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

Foi historiador, antropólogo, advogado e jornalista brasileiro. Passou toda a vida em Natal e dedicou-se ao estudo da cultura brasileira, tornando-se um dos mais respeitáveis pesquisadores do folclore e da etnografia do nosso país. Em uma entrevista, Cascudo (1898-1986) afirmou: “Querida saber a história de todas as coisas do campo e da cidade. Convivência dos humildes, sábios, analfabetos, sabedores dos segredos do Mar das Estrelas, dos morros silenciosos. Assombrações. Mistérios. Jamais abandonei o caminho que leva ao encantamento do passado. Pesquisas. Indagações. Confidências que hoje não têm preço”. O conjunto da obra de Câmara Cascudo é considerável em quantidade e qualidade: o autor escreveu 31 livros e nove plaquetas (do francês *plaquettes*, que são edições de poucas páginas) sobre o folclore brasileiro, em um total de 8.533 páginas.

Assim como o conto *O sapo com medo d'água*, o texto que leremos faz parte do livro *Contos tradicionais do Brasil*.

Fontes: sites UOL Educação – *Biografias* (<http://goo.gl/OH5A9r>), e *Wikipedia* (<https://goo.gl/D1Br4n>), acesso em 16/7/2016

### Agora leia o texto:

#### O BICHO FOLHARAL

Cansada de ser enganada pela Raposa e de não poder segurá-la, a Onça resolveu atraí-la à sua fuma. Fez para esse efeito correr a notícia de que tinha morrido e deitou-se no meio da sua caverna, fingindo-se de cadáver. Todos os bichos vieram olhar o seu corpo, contentíssimos. A Raposa também veio, mas prudentemente de longe. E, por trás de outros animais, gritou:

– Minha avó, quando morreu, espirrou três vezes. Espirrar é o sinal verdadeiro da morte.

A Onça, para mostrar que estava morta de verdade, espirrou três vezes. A Raposa fugiu, às gargalhadas.

Furiosa, a Onça resolveu apanhá-la ao beber água. Havia seca no sertão e somente uma cacimba ao pé duma serra tinha ainda um pouco de água. Todos os animais selvagens eram obrigados a beber ali. A Onça ficou à espera da adversária, junto da cacimba, dia e noite.

Nunca a Raposa curtiu tanta sede. Ao fim de três dias já não aguentava mais. Resolveu ir beber, usando duma astúcia qualquer. [...]

CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil*. São Paulo: Global, 2004, pp. 207 e 208

## Compreendendo o texto

Você deve ter reparado que o texto que você leu é apenas um trecho do conto “O bicho folharal”. A partir deste trecho, responda:

**1. Quem parece ser o protagonista esperto nesse conto? Por quê?**


**2. E quem parece ser o antagonista, que será enganado pelo protagonista? Por quê?**

--

**3. Retome o título do texto. Você já viu ou ouviu falar de um bicho com esse nome? Por que imagina que o conto tem esse nome?**


**4. No início do conto, a Onça tenta enganar a Raposa e acaba enganada. Você acredita que ela conseguirá pegar a Raposa dessa vez? Por quê?**


**5. Nesta atividade, você planejará um possível final para o conto “O bicho folharal”. Para isso, registre:**

Título do conto _____
Protagonista esperto que irá vencer _____
Quem será enganado? _____
Qual o motivo para o esperto enganar? _____
Qual o resultado do plano? _____

**6. Como o protagonista esperto poderá vencer o antagonista? Registre o que a Raposa poderá fazer para vencer a Onça e poder tomar a água.**


## Atividade 26

### Produção final

**Hora de escrever!**

**O texto que você lerá é um trecho do texto “O aniversário Malasarte” de Ricardo Sérgio.**

#### O ANIVERSÁRIO MALASARTE

Era aniversário de Pedro Malasartes. Ele adorava uma festa, mas estava sem dinheiro para comemorar, com uma festança, o aniversário dele. Resolveu, então, visitar o primo que tinha muito dinheiro e, certamente, lhe ofereceria alguma coisa, apesar de ser um pouco pão-duro. Chegando à fazenda do primo, este o recebeu com muito entusiasmo, não pela visita, porém por economizar assim a viagem à casa do aniversariante.

Entraram e o primo foi logo oferecendo:

– Ó, primo Pedro! Tenho aqui uma broa que sinhá assou, fresquinha. É tanta que vai durar a semana inteira.

– Broa de milho, primo?

– É, sim, quer um pedaço?

– Não, primo – agradeceu Malasartes – basta um cafezinho.

– Mas é seu aniversário primo, eu reconheço que sou um pão-duro, mas um pouco de cortesia ao primo não faz mal! Se quiser é só pedir.

Malasartes novamente agradeceu, porém continuou só com o café. Continuaram proseando e, em meio à prosa, o primo lhe diz:

– Olha, Pedro, ontem mandei matar aquele leitão capado que eu vinha engordando. Temos uma porção de torresmo e toucinho frescos que mandei preparar. Quer um pouco, pois tenho bastante?

– Não me diga isso! Tem muito mesmo?

– É o que lhe digo! Tenho bastante, quer?

– Nada, primo, pode deixar, basta um cafezinho.

– Seja dito..., mas quando quiser é só pedir.

Continuaram proseando mais e mais, até que o primo fez nova oferta:

– Pedro, faz tempo que guardo umas garrafas de cachaça. Vamos tomar uns goles para comemorar?

– E é dá boa?

– Da melhor.

– Não, primo, para mim basta um cafezinho.

– Não se faça de rogado que você tá em casa. Quando ficar com vontade é só pedir.

E, assim, o primo de Pedro Malasartes, querendo lhe agradecer pela passagem do aniversário e ao mesmo tempo percebendo que Malasartes não estava querendo lhe dar despesa, foi oferecendo um pouco de cada coisa que tinha na despensa. Malasartes ouvia e recusava; contentando-se só com o cafezinho. E foram nessa toada até que ouviram uma tímida batida na porta. [...]

**Compreendendo o texto para depois produzir o final do conto.**

**Malasartes é o protagonista esperto. Pensando nisso, responda:**

1. Quem será o enganado?

--

2. Qual o motivo para o esperto enganar?


3. Retome o título do texto. O que ele antecipa ao leitor?


4. No início do conto, Malasartes recusa todas as ofertas do primo. Por que ele faz isso?


5. Para se ter uma “festa” de aniversário, o que é necessário?


6. Como o protagonista esperto poderá obter algo do antagonista? Registre como Malasartes poderá ter sua festa de aniversário, mesmo sem dinheiro.




Analizando a sua produção, leia os itens abaixo e faça uma checagem em seu texto (coloque um X nos itens que você fez):

Deu continuidade à história?	
Mostrou, por meio da escrita, a esperteza do Malasartes?	
Finalizou a história com um final em que Malasarte conseguiu a sua festa?	
Colocou os sinais de pontuação necessários (ponto final, vírgula, exclamação, interrogação)?	
Inseriu o espaço para indicar parágrafo?	
Iniciou os parágrafos com letra maiúscula?	
Utilizou dois pontos e travessão quando houve diálogos?	
Revisou a ortografia?	
Revisou a acentuação das palavras?	
Releu o texto que você escreveu?	